

PIBID GEOGRAFIA/UERN: ANALISANDO UMA OFICINA PEDAGÓGICA SOBRE A PRÁTICA DO CYBERBULLING NA ESCOLA-PARCEIRA

**Wedson Cláudio Medeiros Andrade¹, Luzia Luciana de Moura Souza²,
Maria Gracilene da Costa³, Jonas Pinheiro de Araújo⁴, Jeyson Ferreira
Silva de Lima⁵, Francisca Elizonete de Souza Lima⁶**

¹Graduando do Curso de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campos de Assú, E-mail: wedsonclaudio98@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campos de Assú, E-mail: luzialms@bol.com.br;

³Graduanda do Curso de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campos de Assú, E-mail: gracilene.costa27@hotmail.com;

⁴Graduando do Curso de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campos de Assú, E-mail: jonaspinheiro902@gmail.com;

⁵Prof. Me. Departamento de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Coordenador do subprojeto PIBID-Geografia/Assú. E-mail: jeysonferreira@uern.br;

⁶Profa. Ma. Departamento de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Coordenadora voluntária do subprojeto PIBID-Geografia/Assú. E-mail: franciscaelizonete@uern.br

Artigo recebido 27/11/20 e aceito em 02/12/20

Resumo

O presente trabalho é uma reflexão sobre a oficina pedagógica: "A prática do *Cyberbullying* e suas consequências num mundo globalizado". Atividade essa que foi realizada na Escola Estadual Marcos Alberto de Sá Leitão, instituição-parceira do subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) UERN/CAWSL. Por outras palavras, colocamos nesse texto nossas experiências com o planejamento da proposta, com o desenvolvimento e, com a execução da mesma. Bem como, com os desafios, obstáculos e potencialidades advindas com a aplicação em sala de aula. Logo, este estudo tem como objetivo central: analisar a intervenção da oficina pedagógica na escola supracitada. E para tanto, lançamos mão de revisão bibliográfica de autores como: Callai (2001); Cavalcanti (1998); Farias (2014); Francischett (2002); Kaecher (2004); Oliva (2005); Pereira e Alves (2015); Soares (2004) e Thomazi e Asinelli (2009) para nos ajudar na compreensão do ensino/aprendizagem no quadro teórico da educação e da Geografia escolar. Para este fim, teorizamos as oficinas pedagógicas como práticas facilitadoras da comunicação, interação, convivência e, solidariedade professor-aluno. Por conseguinte, a contribuição com a pesquisa é avolumar na universidade o debate sobre a dimensão sociopedagógica que os conteúdos e currículo da Geografia devem possuir na formação inicial dos licenciandos. Portanto, pontuamos com este artigo nossa crítica ao engessamento didático que o ensino da Geografia vem sofrendo há décadas na Educação Básica e dificultando o protagonismo docente com outros recursos além do livro didático.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia. Oficina Pedagógica. Sala de Aula.

PIBID GEOGRAPHY /UERN: ANALYZING EDUCATION WORKSHOP ON CYBERBULLING PRACTICE IN SCHOOL

Abstract

The present article a reflection on the education workshop: "The practice of Cyberbullying and its consequences in a globalized world". This activity was carried out at the Marcos Alberto de Sá Leitão State School, associate institution of the PIBID subproject (Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships) UERN/CAWSL. In other words, we put in this text our experiences with the planning of the proposal, with the development and with the execution of it. As well, with the challenges, obstacles and potentialities arising from application in the classroom. Therefore, this study has as its central objective: to analyze the intervention of the education workshop in the aforementioned school. And for that, we used a literature review of authors such as: Callai (2001); Cavalcanti (1998); Farias (2014); Francischett (2002); Kaecher (2004); Oliva (2005); Pereira e Alves (2015); Soares (2004) and Thomazi e Asinelli (2009) to help us understand teacher/learning in the theoretical framework of education and school geography. To this end, we theorize the educations workshops as practices that facilitate communication, interaction, coexistence and, teacher-student solidarity. Therefore, the contribution of this research is to increase in the university the debate about the socio-pedagogical dimension that the contents and curriculum of Geography must have in the initial training of graduates. Therefore, we point out with this article our criticism of the plastering didactic that the teaching of Geography has been suffering for decades in Basic Education and making it difficult to teach with other resources besides the textbook.

Key-words: Teaching Geography. Education Workshop. Classroom.

PIBID GEOGRAFÍA/UERN: ANALIZANDO UN TALLER EDUCATIVO SOBRE PRÁCTICA DE CYBERBULLING EN LA ESCUELA

Resumen

El presente artículo es una reflexión sobre el taller pedagógico: "La práctica del Cyberbullying y sus consecuencias en un mundo globalizado". Esta actividad se llevó a cabo en la Escuela Estatal Marcos Alberto de Sá Leitão, institución asociada al subproyecto PIBID (Programa Institucional de Becas de Iniciación Docente) UERN/CAWSL. E otras palabras, ponemos en este texto nuestras experiencias con la planificación de la propuesta, con el desarrollo y, con su ejecución. Así como, con los desafíos, obstáculos y potencialidades que surgen de la aplicación en clase de aula. Por tanto, este estudio tiene como objetivo central: analizar la intervención del taller educativo en dicha escuela. Para ello, utilizamos una revisión bibliográfica de autores como: Callai (2001); Cavalcanti (1998); Farias (2014); Francischett (2002); Kaecher (2004); Oliva (2005); Pereira y Alves (2015); Soares (2004) y Thomazi e Asinelli (2009) para ayudarnos a entender la enseñanza/aprendizaje en el marco teórico de la educación y la geografía escolar. Por ello, teorizamos los talleres pedagógicos como prácticas que facilitan la comunicación, la interacción, la convivencia y la solidaridad profesor-alumno. Por lo tanto, la contribución de la investigación es ampliar en la universidad el debate sobre la dimensión socioeducativa que deben tener los contenidos y el currículo de la Geografía en la formación inicial de los estudiantes. Por lo tanto, con este artículo destacamos nuestra crítica a los enyesados didáctica que la enseñanza de la Geografía ha sufrido durante décadas en la Educación Básica y que hacen más difícil que los profesores desempeñem un papel protagonista con otros recursos además del libro de texto.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía. Taller Educativo. Clase de Aula.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão sobre a oficina pedagógica "A prática do *Cyberbullying* e suas consequências num mundo globalizado". Essa atividade foi realizada na Escola Estadual Marcos Alberto de Sá Leitão, escola-parceira do subprojeto PIBID (Programa

Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) UERN/Campus de Assú. Em outros termos, esse texto apresenta as nossas experiências com o planejamento da proposta, com o desenvolvimento e, com a execução da mesma. Assim como também, com os desafios, obstáculos e potencialidades advindas com a aplicação em sala de aula.

Os programas de ensino institucionais, precisamente os formativos, como o PIBID, vem sendo atualmente a principal porta de entrada de alunos e alunas da licenciatura nas escolas públicas brasileiras, especialmente na fase que precede os estágios curriculares supervisionados. Neste programa, os estudantes são instigados a propor novas metodologias de ensino e aprendizagem em diferentes disciplinas do currículo. E assim, exercitar a formação inicial objetivada pelo programa. Este ambiente que é por excelência espaço oportuno para pesquisa e aperfeiçoamento da identidade docente.

As oficinas pedagógicas no ensino da Geografia são imbuídas de inúmeras vantagens e desafios. O ato de praticar os conteúdos didáticos e, sobretudo, de aprender pela ação, é uma das vantagens para o uso prioritário das mesmas pelos pibidianos. E ainda, para uma aprendizagem repleta de significados, saberes e diálogos entre estes e os alunos. Nesse interim, propor uma oficina pedagógica como alunos pibidianos nos leva enquanto universitários a apostar na renovação do saber geográfico em sala de aula.

Assim, esse estudo tem como objetivo central: analisar a intervenção da oficina pedagógica na escola anteriormente supracitada. E como objetivos específicos: (1) – Descrever o desenvolvimento da intervenção pedagógica; (2) – Discutir sobre as experiências vivenciadas com os discentes na aplicação da atividade e; (3) – Refletir sobre potencialidades e desafios das oficinas pedagógicas no ensino da Geografia.

Metodologicamente, lançamos mão de revisão bibliográfica de autores como: Callai (2001); Cavalcanti (1998); Farias (2014); Francischett (2002); Kaecher (2004); Oliva (2005); Pereira e Alves (2015); Soares (2004) e Thomazi e Asinelli (2009) para nos ajudar na compreensão do ensino/aprendizagem no quadro teórico da educação e da Geografia escolar. Para este fim, teorizamos as oficinas pedagógicas como práticas facilitadoras da comunicação, interação, convivência e, solidariedade professor-aluno. E como as oficinas pedagógicas devem sim serem inseridas no pensamento intelectual sobre formação docente em Geografia, construção de conhecimento geográfico, educação crítica, currículo e planejamento docente.

Entendemos assim, que a contribuição com a pesquisa é também avolumar na universidade o debate sobre a dimensão sociopedagógica que os conteúdos e currículo da Geografia devem possuir na formação inicial dos licenciandos e, como o uso de novas ferramentas de ensino e aprendizagem, em especial, as oficinas pedagógicas fortalece tal discussão. Para além disso, é também compreender como o uso de metodologias alternativas de ensino são partes estratégicas para a construção de uma outra educação geográfica. E mais ainda, como é necessário e salutar instigar o pensamento crítico sobre a escola como parte reflexiva da sociedade e seus dilemas, considerando a construção científica acerca da historicidade das sociedades.

Portanto, apresentamos com esse trabalho a relevância de nossa experiência com a oficina pedagógica aplicada. E, por conseguinte, a vantagem que tivemos em adentrar o ambiente escolar e a sala de aula. Espaços esses que nos desafiaram a tornar as aulas de

Geografia mais dinâmicas, compatíveis e sensíveis na superação da realidade mnemônica que as mesmas infelizmente já possuem enraizadas. Além disso, buscamos contribuir, a partir das reflexões presentes aqui, no direcionamento do pensamento de outros pibidianos sobre a importância da identidade docente em Geografia, considerando a escola pública.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA PÚBLICA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Conforme Cavalcanti (1998), o ensino da Geografia não tem se mostrado aos olhos dos alunos como algo prazeroso e/ou útil. Em sala de aula da escola pública é ainda comum, infelizmente, encontrarmos muitos desafios que dificultam a superação deste fato, como: o currículo burocratizado em competências e habilidades; as horas de planejamento didático ínfimas ou até inexistentes e, principalmente, a escola que não dá conta em tempo hábil de um conjunto infinito de responsabilidades institucionais. Acrescenta ainda, para esse triste *status* da disciplina, os professores que são cada vez mais chamados a romper de qualquer maneira com essas barreiras e incoerências. Tudo isso pesa na prática docente em Geografia que precisa, inclusive, considerar a realidade próxima do aluno no trabalho dos conteúdos como considera Callai (2001, p.136):

Muito se fala que partir da realidade mais próxima é mais conveniente para a aprendizagem, porém muitas vezes força-se uma relação de fora, o que torna tudo muito superficial e até cheio de equívocos. O aluno é um ser histórico que traz consigo e em si uma história, e um conhecimento adquirido na sua própria vivência. O desafio é fazer a partir daí a ampliação e o aprofundamento do conhecimento do seu espaço, do lugar em que vive, relacionando-o com outros espaços mais distantes e até diferentes.

Certamente, o ensino da Geografia é hoje muito mais uma abstração do que uma prática que interliga o cotidiano, pois falta a sua aplicação. Na construção de uma outra educação geográfica, os docentes não são apenas os únicos com a função de realizar tal interligação. Somos nós, a classe universitária e intelectual que com eles e a escola, podemos construir o estopim da mudança que almejamos para essa educação. Eventualmente, quando se pensa em prática moderna de ensino, se pensa nas possibilidades e metodologias que não oferecemos ao trabalho docente já tão desvalorizado e cansativo.

Sendo assim, o que entendem muitos autores da área do ensino da Geografia é que todo e qualquer conhecimento da disciplina é um saber a ser construído a partir do seu objeto de estudo. É com um bom planejamento pedagógico, que centra-se a compreensão deste objeto e, por consequência, a possibilidade de tornar a aula de Geografia melhor utilizada na realidade comunitária dos alunos. Indubitavelmente, é na realidade destes que os mesmos se reconhecem como agentes construtores de uma nova utilização do saber geográfico e, com o auxílio de seus docentes, edificam uma outra leitura e criticidade para com o mundo e seus dilemas. Como reforça Oliva (2005, p.6):

A função de qualquer disciplina não é o entendimento de seu objeto de estudo, e sim *a partir dele colaborar para a compreensão do todo*. A geografia, por intermédio de seu objeto de estudo – o espaço geográfico – pode, e deve, oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla. Assim, a Geografia *não é* a descrição sumária de dados e problemas e sua distribuição regional. Sem o uso de instrumentos

teóricos adequados, não se chega a uma análise e interpretação global dos fenômenos. (2005, p.46, *grifos do autor*)

Nesse argumento, percebemos infelizmente o distanciamento que as instituições educacionais possuem para com a educação geográfica e a formação de professores. No sistema educacional do nosso país, a problemática do ensino de Geografia na escola pública nunca fora levada como prioridade para uma formação cidadã. A relação aluno-professor nas aulas de Geografia sempre foi tênue, delicada e rígida para ambos os lados. Na sala de aula da Geografia, costuma se fazer presente o desinteresse e a rotina mnemônica. Uma vez que, como argumenta Kaecher (2004, p.222), na Geografia escolar:

Não se trata de um problema de conteúdo. É preciso haver uma mudança metodológica que altere a relação professor-aluno, relação esta que, via da regra, continua fria, distante e burocrática. É preciso haver também uma postura renovada de maior diálogo, não só entre professor e aluno, mas com o próprio conhecimento. Devemos ensinar mais nossos alunos (e a nós mesmos) a duvidarem do que se ouve e lê, inclusive nos livros e na televisão, para que o aluno perceba que não estamos, quando damos aula, ensinando doutrinas, verdades, mas sim que estamos construindo um conhecimento novo a partir do que já temos - A fala do professor, do aluno, o livro texto, os meios de comunicação etc.

É sob esta ótica, que o docente em Geografia deve direcionar em sala de aula sua melhor relação com os alunos. Com os passos necessários para resgatar o diálogo que estes perderam ao não exercitar a aproximação da vivência com os conteúdos ensinados. A Geografia escolar só poderá ser redesenhada nestes moldes, na medida que a escola for sendo dinamizada por educadores geógrafos equipados, seguros e solícitos a transformar a aprendizagem da disciplina. Para além disso, a escola precisa ser um ambiente acolhedor, com boa estrutura física, com laboratórios que possibilitem o uso das linguagens geográficas, como é o caso da Cartografia, elementos necessários para a análise do espaço geográfico.

Portanto, pensar o ensino da Geografia é fortalecer o projeto que queremos ao ensiná-la criticamente com nossos alunos. O exercício para uma docência em Geografia pautada em tudo que se discute em relação a ela, só será possível se esses discursos teórico-metodológicos adentrarem à escola com mais afinidade, clareza e significado. Portanto pensar o ensino de Geografia perpassa por pensar a escola e fortalecê-la.

ANALISANDO A OFICINA PEDAGÓGICA “A PRÁTICA DO CYBERBULLING E SUAS CONSEQUÊNCIAS NUM MUNDO GLOBALIZADO”

Considerando o tópico anterior trouxemos aqui uma análise acerca da execução da oficina pedagógica “A prática do *Cyberbullying* e suas consequências num mundo globalizado” a partir de algumas reflexões que autores tecem sobre o uso de tal proposta pedagógica e sobre o planejamento docente. Mas antes disso, passamos a entender um pouco sobre a importância deste recurso no processo de ensino/aprendizagem.

O ato de educar é uma ação muito permeável a inserção de diversos recursos pedagógicos. As chamadas práticas alternativas de ensino objetivam melhor o planejamento deste ato e maior distanciamento do docente das armadilhas da rotina didática em sala de aula

e, maior aproximação deste com o renovar de sua prática. Quando se pensa em recursos pedagógicos no ensino da Geografia, numerosas são as opções. A exemplo, as oficinas pedagógicas. Essa atividade que também é manual muito comum no trabalho docente da Geografia é mais acionada quando se pensa em instrumentalizar as aulas da disciplina. No entanto, no mesmo passo que elas são mais utilizadas, são menos refletidas em suas vantagens e desvantagens para o processo educativo. Francischett (2002, p. 105) corrobora com reflexão apontando:

Nesse ponto, é necessário que se tenha clareza quanto ao papel da Oficina Pedagógica como fator de progresso, de preparação para a vida em sociedade, de trabalho em grupo e de possibilidades de construção. [...] É certo que, através de atividades práticas seja possível motivar e levar ao aluno a ouvir, a prestar atenção, gerando curiosidade, iniciativa, atividade, provocando outros interesses que gerarão a participação e a construção de significados. A proposta de trabalho com oficinas pedagógicas vem ao encontro das necessidades dos educadores que procuram novas formas de ação pedagógica, de acordo com diversos objetivos.

Sendo assim, a especificidade que as oficinas pedagógicas têm para o ensino da Geografia está centrada no anseio que os professores almejam com elas, para despertar o interesse e prazer com os temas da disciplina. Por isso, no exercício da didática, as oficinas pedagógicas adquirem outro e particular significado: o da mobilidade do conhecimento com o saber-fazer. Como argumenta novamente Francischett (2002, p.105-106):

Dessa forma, parece ser importante compreender o papel das oficinas pedagógicas no meio escolar, na construção do conhecimento e na formação do professor, como uma das possibilidades de ação pedagógica integradora. Pode-se, assim, considerar como objetivos das oficinas pedagógicas promover o espaço para debate, reflexão e discussão; criar material didático teórico-prático que sirva como instrumento pedagógico; propiciar a troca de experiências na ação pedagógica; desenvolver projetos temáticos interativos; construir conhecimentos numa relação real com a teoria e a prática vivenciadas no cotidiano social e escolar.

Internalizando isso, ao definirmos nossa intervenção no subprojeto PIBID-CAWSL/UERN, sob a proposta de uma oficina pedagógica, tentamos assim redefini-la como prática que leva ao aperfeiçoamento da visão de mundo dos alunos sobre os fenômenos geográficos que os cercam. Com essa intenção, pretendíamos levar aos alunos e alunas em sala de aula, a dimensão prática ou a aplicabilidade da Geografia no dia a dia destes. Outrossim, que seria possível ensinar Geografia pela interatividade, pela construção de materiais, análises de situações-problema, estudos de casos. Portanto, nas linhas que se estendem nos próximos parágrafos demonstramos como nossa intervenção fora concebida, planejada e executada.

É perceptível nas pesquisas de muitos profissionais da educação que as escolas refletem o seu entorno. A escola não está isenta das transformações que ocorrem na sociedade. Com a era digital, a ligação entre aprendizagem e tecnologia se viu inevitável. Para os professores, as plataformas digitais de ensino são inúmeras. E para os alunos, a experiência com a internet

trouxe para a sala de aula outras maneiras de estudo e pensamento. Para Pereira e Alves (2015, p.03):

Na contemporaneidade, um dos principais desafios que se impõe aos educadores/as é o de repensar a educação para além do computador e internet, que se encontram presentes em grande parte das escolas. Vivemos um momento em que as tecnologias fazem parte do dia-a-dia das pessoas em casa, no trabalho e ambiente escolar. Essa relação diária com a interconectividade é cada vez mais abrangente, através de computadores, tablets e smartphones, atingindo a todas as classes socioeconômicas.

Logo, ensinar Geografia cercados por este fato social foi o nosso maior desafio na escola-parceira. Hoje, vivenciamos, para utilizar uma linguagem Miltoniana (SANTOS, 1998), o período Técnico, Científico e Informacional. Isso consiste em um desafio a mais para a prática docente em Geografia, pois requer a leitura e análise do espaço geográfico considerando esse período e toda a complexidade inerente a ele. Assim, como pibidianos partimos do pressuposto que a nossa intervenção deveria levar esse contexto em consideração.

Diante disso, a escola-parceira vinha nos relatando queixas de atos de *Cyberbullying*¹ entre os alunos. Logo, pensamos interligar estas ocorrências à nossa proposta de intervenção e acionar o estudo da Geografia como aporte analítico desta problemática apresentada. A problemática do *Cyberbullying* quando adentra o espaço escolar adquire muitas feições: os alunos que sofrem com a violência do ato estão mais propensos a desistirem da escola, terem vulnerabilidades psicopedagógicas, indisposição para participar de atividades na escola e cumprir com as avaliações de rendimento ao longo do ano letivo (FARIAS, 2014).

Desse modo, definimos que a oficina pedagógica seria debater com os alunos, as consequências da prática do *Cyberbullying* no contexto da globalização. Pois, como afirma Soares (2004, p.339):

Estamos numa nova arena social onde podem ser concretizados valores morais e políticos no campo educacional e, em especial, na Geografia, pois a pós-modernidade é uma complexa questão geográfica. Ela não existe independentemente das ações das pessoas que a integram e constroem, bem como as ações das pessoas não existem independentemente do contexto no qual estão inseridas.

Encarando a escola como uma arena social, foi possível com o desenvolvimento da oficina pedagógica, dimensionar até onde o *Cyberbullying* é também produto de uma globalização excludente. Isso porque a maior parte dos alunos das escolas públicas atacados no *ciberespaço*, não têm acesso a uma internet de qualidade e equipamentos. Além disso, não boa parte dos que comentem ou que sofrem essa prática não tiveram acesso a educação digital. Ficou perceptível para nós pibidianos, nas observações das aulas de Geografia e do

¹ “As distintas configurações do Cyberbullying podem ser reconhecidas como atos de violência psicológica e sistemática contra crianças e adolescentes perpetrados nas ambiências das redes de sociabilidade digital, podendo ocorrer a qualquer momento e sem um espaço circunscrito e demarcado fisicamente” (FERREIRA E DESLANDES, 2018, p.3370).

ambiente escolar, o uso demasiado das mídias digitais pelos alunos (mesmo sem internet de qualidade), em detrimento do estudo com o livro didático, com a escrita manual e com a pesquisa na biblioteca.

Tendo conosco essa percepção, nossa intervenção pedagógica foi realizada em uma turma de 8º ano da Escola Estadual Marcos Alberto de Sá Leitão – Assú/RN. Onde, sob a responsabilidade de nossa professora-supervisora, definimos alguns critérios para a escolha da turma, a saber: (1) série/ano com maiores casos de estudantes relatando o *Cyberbullying*; (2) série/ano que estivesse estudando no bimestre em curso temas relacionados à globalização e/ou mundo e; (3) série/ano com disponibilidade de 2 (duas) horas/aula no dia agendado para a aplicação.

Com a turma definida, partimos ao planejamento da atividade. Nesse ínterim, o ato de planejar a oficina pedagógica fora para nós um momento de grande responsabilidade. Pois, a segurança que este instrumento nos forneceu foi bem salutar, contemplando ou parcialmente atendendo nossas inseguranças com a escrita dos objetivos, a justificativa, metodologia, recursos a serem utilizados e a sequência didática da proposta. Sobre o planejamento, considera Thomazi e Asinelli (2009, p.182):

Ao se tratar de uma investigação sobre a maneira como os professores planejam, devemos perguntar se eles, de fato, elaboram um planejamento. Em que medida os professores pensam, refletem e preparam as atividades que irão desenvolver junto aos alunos? O planejamento existe apenas no nível das ideias ou é registrado? A direção e/ou a supervisão da escola impõem o que deverá ser realizado? E, nesse caso, estabelecem linhas gerais ou apresentam todas as ações detalhadamente? A ação de planejar ultrapassa o planejamento propriamente dito, pois implica as relações de poder que se estabelecem entre os atores da instituição escolar.

Refletindo sobre isso, no dia agendado fomos à escola-parceira, organizamos a sala de aula, recebemos os alunos e iniciamos a atividade ao longo de 2 horas/aula. Dividida por etapas, a oficina pedagógica foi estruturada em: (1) momento de interação entre os discentes através de uma dinâmica, (2) apresentação sobre o funcionamento da atividade; (3) exibição de vídeos (O primeiro, sobre a prática do *Cyberbullying* e o segundo, sobre mudanças de comportamento que a globalização causa); (4) momento de discussão sobre os vídeos; (5) a divisão dos alunos em subgrupos; (6) a produção de cartazes por cada subgrupo. Para auxiliar os alunos nesse passo, dispomos pela sala alguns instrumentos (Figura 1) que tiveram como intuito fixar os cartazes produzidos. E por fim, (7) o momento de entrega dos cartazes finalizados e a socialização (Figura 2).

Figura 1: Organização da sala para execução da oficina pedagógica.



Fonte: Acervo dos autores (2019).

Na figura 1, é possível observar ao fundo, nas laterais do quadro branco, materiais que auxiliaram a nossa prática na intervenção. A esquerda: uma árvore-mural para fixação dos cartazes dos alunos. E a direita: laço-mural da campanha “setembro-Amarelo” para fixação também dos materiais produzidos.

Figura 2: Cartazes produzidos e finalizados pelos alunos.



Fonte: acervo dos autores (2019).

Os cartazes apresentados na figura 2, foram construídos a partir de recortes, fotografias, desenhos, reportagens de jornais, figuras, dentre outras, que ilustram as reflexões deles sobre o tema da oficina. Os grupos tiveram a autonomia de escolherem os recortes, considerando a temática em estudo.

Não menos importante, queremos aqui destacar outros pontos acerca da execução da intervenção. Devido a urgência de maior conversa sobre o tema, os alunos puderam demonstrar maior engajamento e participação nos momentos da oficina. Foram gratificantes os diálogos e debates efetuados. E a solidariedade que os mesmos tiveram em compartilhar suas ideias prévias e/ou já consolidadas sobre a relação *Cyberbullying*-Globalização.

Posto isso, também salientamos as dificuldades que a execução da oficina pedagógica trouxe ao nosso trabalho de pibidianos. Dificuldades essas que vão de encontro aos contratempos que nós, futuros professores, enfrentaremos no dia a dia de sala de aula, as quais enumeramos: (1) falta de atenção dos alunos no momento de explicação do funcionamento da atividade; (2) a impaciência destes com a exibição dos vídeos, apesar deles serem curtos; (3) a resistência que muitos tiveram a permanecer em sala durante o desenvolvimento da oficina; (4) o uso demasiado dos telefones celulares, bem como, (5) a timidez no momento de compartilhar com os outros colegas as reflexões dos cartazes.

Percebemos que com uma atividade simples, como a construção de cartazes, dinamizamos a abordagem da temática na sala de aula. Os alunos tiveram autonomia na construção do produto final da oficina. Conseguimos traçar apontamentos que levaram os alunos a refletirem sobre o *bulling* e, especificamente, sobre o *Cyberbullying* que é uma consequência do uso equivocado das redes sociais.

Enfim, com a aplicação da oficina pedagógica conseguimos, enquanto pibidianos construir análises sobre a prática docente e a sala de aula. A execução da intervenção acrescentou à nossa formação inicial um momento ímpar de aproximação que tivemos com os alunos, com a professora supervisora e com o ensino da Geografia. E principalmente, com os saberes e fazeres no cotidiano da escola-parceira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando esse trabalho, aqui é possível ressaltar a importância de nossa ida à sala de aula para executar a oficina pedagógica. Como licenciandos em Geografia, centralizamos como conquista a aplicação dessa intervenção no nosso subprojeto. E, por conseguinte, a oportunidade de exercitarmos a docência em Geografia.

Na escrita deste trabalho, observamos como foi possível fazer parte do processo de construção do conhecimento geográfico junto aos alunos. Com essa oficina pedagógica, trouxemos à nossa realidade de universitários, até então cercados pela abstração dos textos científicos, o quadro real da educação geográfica na escola pública.

Relatamos aqui também, as satisfações com a aplicação da oficina pedagógica, as quais destacamos: (a) o nosso crescimento interpessoal com o ambiente escolar e seu cotidiano; (b) o convívio com as problemáticas do ensino/aprendizagem da Geografia que permeiam a sala de aula; (c) a chance de propormos soluções e reflexões para tais problemáticas; (d) em exercitar a mediação do ensino da Geografia com a nossa professora-supervisora. Assim como, (e) em pensar a escola pública como um verdadeiro espaço laboratorial para práticas pedagógicas significativas.

Enfatizamos ainda, o quanto foi salutar as recepções positivas que os alunos tiveram para conosco em sala de aula, a saber: (a) a intervenção sendo encarada pelos mesmos como interessante e sensível às suas dificuldades com os assuntos da Geografia; (b) o engajamento e solidariedade deles com os outros, com a professora-supervisora e conosco pibidianos; (c) em demonstrarem envolvimento para entender a ação do *Cyberbullying* como tema também geográfico e; (d) como foram curiosos e solícitos na construção da atividade final da oficina.

Em síntese, pontuamos com este trabalho nossa crítica ao engessamento didático, que há décadas, aflige o ensino da Geografia na Educação Básica. E principalmente, como o currículo burocrático da disciplina desconsidera a importância estratégica que outras linguagens de ensino oferecem, sobretudo na superação da forma mnemônica de apreender a Geografia Escolar. A didática do ensino da Geografia deve ser pautada na vida dos alunos, na formação continuada de professores e na autonomia destes para buscar, junto às suas possibilidades, ressignificar a chamada educação geográfica.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C.. A Geografia e a escola: muda a Geografia? muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n.16, p.133-152, 2001, Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

FARIAS, L. A. A escola e o cyberbullying. 2014. 28 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br>. Acesso em: 14 de Agosto de 2020.

FERREIRA, T. R. S. C.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying: concentrações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.23, n.10, p.3369-3379, out. 2018, Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

FRANCISCHETT, M. N. A prática do ensino de Geografia através de oficinas pedagógicas. **Faz Ciência**, Francisco Beltrão, v.4, n.1, p.103-108, 2002. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/issue/view/475/showToc> Acesso em: 14 de agosto de 2020.

KAECHER, N. A. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs). **Geografia em perspectiva**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 221-231.

OLIVA, J. T. Ensino de Geografia: um retardo desnecessário.. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A Geografia na sala de aula**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2005. p.34-49.

PEREIRA, D. T. S.; ALVES, E. O cyberbullying no contexto escolar e os desafios para promoção de uma cultura da paz. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v.13, n.2, p.1-12, dez. 2015. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/6145>. Acesso em: 14 de Agosto de 2020.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SOARES, M. L. A. Reinventando o ensino da Geografia. In: PONTUSCKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Orgs). **Geografia em perspectiva**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

p.331-341.

THOMAZI, A. R. G; ASINELLI, T. M. T. Prática docente: considerações sobre o planejamento das atividades didáticas. **Educar em Revista**, Curitiba, v.25, n.35, p.181-191, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/856/show/doc> . Acesso em: 14 de agosto de 2020.